

UNIVERSIDADE AVM FACULDADE INTEGRADA

Jhonatan Pache Faria

O papel do Gestor no combate da pratica do Bullying

São João de Meriti
2016

JHONATAN PACHE FARIA

O papel do Gestor no combate da pratica do Bullying

Monografia apresentada à Universidade
AVM como requisito parcial para obtenção do
Grau do curso de Pós- Graduação
Orientado pela professora Dayana Trindade

São João de Meriti
2016

JHONATAN PACHE FARIA

O papel do Gestor no combate da pratica do Bullying

Aprovado em _ de _ de _
BANCA EXAMINADORA

Dedico este trabalho a Minha família que julgo ser o maior e melhor tesouro que a vida poderia ter me deixado conquistar.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, criador de todas as coisas e abençoador, depois a minha esposa Vivian Maria e meus filhos Emanuel e Gabriel Pache Faria.

Meus tesouros que tiveram paciência e amor enquanto buscava uma condição de vida melhor e mais confortável, trabalhando o dia inteiro e quando chegava debruçava nos livros para obter mais essa vitória que é minha pós-graduação.

Obrigada minha esposa linda e aos meus filhos amados.

“Sem compromisso, não há envolvimento.
Sem conhecimento, não há desenvolvimento,
Sem criatividade, não há inovação.”
(GONÇALVES, 2001).

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo o esclarecimento do que se trata o fenômeno Bullying, como ele é dividido e como o gestor escolar pode e deve intervir para que se diminua ou até mesmo insere esse movimento violento covarde e mal. Esses fatores influenciam no processo de formação e desenvolvimento do aluno, dentro da escola e por toda a sua vida. Com base em alguns teóricos como: FANTE (2005), CONSTANTINE (2004), LORENZ (1973), CHARLOT (2005), Lopes Neto (2011), e MEOTTI; PERÍCOLI (2013), Prodanov e Freitas (2013), entre outros iremos falar como essa violência se desenvolve no ambiente escolar com naturalidade, e como podemos combatê-lo. E por fim, considerando que o fenômeno ocorre com mais frequência do que se espera dentro da escola de forma sucinta e muito obscura procurando sempre omitir esses fatos fazendo o outro sofrer, trazendo consequências e danos a vida. Espera-se, então, que este trabalho venha incentivar aos demais profissionais da educação a conhecerem e identificar melhor o fenômeno bullying, adotando então uma postura de esclarecimento e conscientização, para os alunos, família e comunidade, em busca da qualidade de vida e do bem estar social de todos os indivíduos.

Levanta-se a tese que o Gestor Escolar possui uma liderança própria e que é o espelho de sua equipe e se através desse espelho toda a comunidade escolar estiver pronta para atacar esse mal o sucesso do bem será inevitável.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying, Escola, Educação, Aluno e Gestão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAP I. O FENÔMENO BULLYING	05
1. 1 TEÓRICOS QUE ABORDAM O BULLYING.....	08
CAP II. O BULLYING COMO FENÔMENO SOCIAL	10
2.1 AÇÕES E CAUSAS DA VIOLÊNCIA.....	14
2.2 FATORES QUE INTERFEREM NA ATITUDE DO AGRESSOR	15
2.3 UM ESTUDO QUE DEMONSTRA ESSE FENÔMENO	16
CAP III. O BULLYING E A ESCOLA	20
3.1 MEDIDAS DE COMBATE AO BULLYING.....	24
3.2 O PAPEL DO GESTOR NO COMBATE AO BULLYING.....	27
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

A sociedade de hoje vive dias difíceis diante de tanta violência e agressividade, o bullying é um sinônimo de violência escolar no mundo inteiro que está presente dentro da escola e decorrem de influências sociais externas. Para ser denominada bullying, é necessário que se ocorra na escola, de forma intencional e repetitiva, fazendo o mal à outra pessoa, havendo uma diferença de poder entre o agressor e a vítima, distorcendo então, os valores aplicados pela escola e estabelecidos pela educação.

O gestor é a figura chave para esse processo, ele quem pode imputar as punições às agressões e cria novas estratégias para inibir novos ataques.

Esses valores estão diretamente relacionados à educação e à formação desse indivíduo dentro da família. Uma educação agressiva, comportamentos de agressões quando menores e não repreendidos, ou seja, sem limites, ou a própria agressão física entre os pais e aos próprios filhos, são acontecimentos que ocorrem na maioria dos casos em casa pela família e refletem nos filhos trazendo a violência e agressão para dentro da escola; ou até mesmo por influência da mídia, da música, e da própria sociedade. Caracterizando aspectos relacionados ao agressor.

O indivíduo podendo ser menino ou menina se sente no direito de demonstrar sua valentia contra uma pessoa indefesa sem motivo algum, crianças que tem o prazer de promover essa violência fazendo o mal e outra criança.

Normalmente ocorrem em grupos, o agressor sente-se seguro em praticar a violência diante dos seus expectadores, que temem em defender a vítima, ou contar a alguém podendo ser o próximo a sofrer.

Conforme Ana Beatriz Barbosa da Silva, autora do livro *Bullying: Mentis Perigosas na Escola* relata em seu livro que um dos traumas identificados na vítima a acompanha por toda a vida,

são lembranças que marcam sua história, podendo causar sofrimento, angústia, depressão, baixa auto-estima, problemas na aprendizagem, fobia escolar, ou seja, perdem a vontade de voltar à escola, em algumas meninas causam bulimia, anorexia e em alguns casos gerais chegam ao extremo, ocorrendo suicídio ou homicídio, como vemos em alguns casos americanos.

Punições, devem ser avaliadas e bem direcionadas, punir pelo simples fato de punir não resolvem os problemas, esse fenômeno pode ser evitado de forma explicativa e conscientizadora para que esses alunos possam compreender que tendo essa atitude violenta poderá trazer vários danos a sua vida e a vida de outras pessoas.

Pretende-se com este trabalho fazer uma breve abordagem do que se trata o fenômeno bullying, como ele é dividido, e quais as causas e consequências ele traz para a vida social, emocional e intelectual do ser humano envolvido. Seja ele agressor ou expectador.

Diante desta problemática esses comportamentos o gestor pode atuar de forma preventiva para que não traga danos futuros podendo ser irreparáveis;

O trabalho apresenta-se em quatro capítulos, no capítulo 2 iremos abordar alguns teóricos que falam sobre o bullying e sobre a violência, fazendo um levantamento do que se trata esse fenômeno.

No capítulo 3 a violência escolar é observada como um fenômeno social que ocorre em todo o mundo, vista como um dos fatores que influenciam no processo de formação do indivíduo podendo causar traumas por toda a vida. A escola não pode se omitir da responsabilidade de orientar pais, alunos, professores e funcionários sobre causas e consequências desse fenômeno. Muitos são os fatores que influenciam na atitude desse agressor, mas como educadores devemos identificar e junto à comunidade escolar promover campanhas de esclarecimento e de como é importante evitar tal violência. Quais métodos, práticas podem ajudar nesse questionamento?

Segundo FANTE

“ O bullying é hoje, sem dúvida, um dos temas mais discutidos em todo o mundo, o que desperta crescente interesse nas diversas ciências e esferas sociais. Em meio às discussões, o que é natural, surge uma infinidade de opiniões, idéias, sugestões, estudos, publicações e etc., que tentam explicar o fenômeno e os motivos que leva um indivíduo ou grupo a agir de forma deliberada e, muitas vezes, tão cruel. “ (s/d, p. 01)

Sendo assim, a pesquisa tem o objetivo geral identificar os conhecimentos e as práticas dos educadores ao perceber casos de violência na sala de aula, refletindo sobre os resultados de suas ações na melhoria das relações discentes. E para isso papel do gestor é primordial, pois é através desse profissional que chega ao corpo docente as estratégias e motivações para a equipe de professores e administrativos das unidades de Ensino.

E vou mais além a formação do gestor consientizador não dever ser apenas para educação básica, mais também para Educação Superior, os docentes chegam até a sala de aula sem o preparo da Inteligência Emocional e não sabem lidar com situações de Violência entre os alunos por isso essa formação seria a base para a prática docente.

“Os cursos de graduação devem focar sua atenção na necessidade de prevenção à violência. Para isso, devem oferecer aos futuros profissionais de educação os recursos psicopedagógicos específicos que os habilitem a uma atuação eficaz em seus locais de trabalho para que eles utilizem metodologias estimuladoras do diálogo como forma de resolução de conflitos; que promovam a solidariedade e a cooperação entre os alunos, criando com isso um ambiente emocional que incentive a aceitação e o respeito às diferenças inerentes a cada indivíduo; que promovam a tolerância nas relações interpessoais e socioeducacionais”. Fante (2005, p. 169)

E também é uma obrigação do professor identificar os atores desse bullying e procurar junto a gestão uma estratégia para solucionar o problema, se o corpo docente não se comprometer com o bem-estar de seus alunos o gestor sozinho não consegue indentificar o inicio do processo de bullying e só poderá intervir também no final quando os dois lados já tiverem sofrido.

E por fim, no capítulo 4 falamos como o bullying na escola ocorre com muita frequência, no entanto ainda é visto em alguns casos como “brincadeiras da idade”, o BULLYING é coisa séria e deve ser tratado como tal, antes que hajam resultados irreversíveis, além desse tratamento um outro ponto abordado pela gestão deve ser a diferença entre o bullying e a falta de educação de alguns alunos, assim o gestor terá um papel primordial também na criação de rotina de estudos e disciplina nas salas de aulas, não podemos achar tudo é bullying.

“Todo cuidado é pouco, pois se trata de uma realidade complexa e multidimensional. O tema requer um conjunto de medidas, ações integradas e de iniciativas articula das implementadas de acordo com um plano. Não há soluções mágicas, mas é possível avançar muito na prevenção desses eventos e na educação para convivência.” (ELIAS, 2011 p, 10).

Portanto, é necessário começar agora, falar e esclarecer sobre o assunto, não permitindo que a vítima sofra calada, e nem que todos se achem vitimas. Na certeza no ato Bullying, a sociedade, junto à escola e família deve garantir a segurança desse indivíduo, deixando-o à vontade para relatar o fato, pois quem deve temer é o agressor, que está errado e não quem sofre a violência. Devemos evitar que exista essa inversão de valores. As medidas de combate são necessárias, pois o educador tem o papel importante na formação desse aluno.

Com base em alguns autores como Fante (2005) especialista em violência escolar, podemos entender que “Bullying é um conjunto de atitudes agressivas intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos, contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento.” Não somente o bullying traduzido por intimidar e amedrontar alguém, no entanto, o cyberbullying é um dos mais tradicionais entre os jovens hoje no espaço virtual.

Um outro ponto a ser questionado é o Ciberbullying, o gestor escolar legalmente falando não tem como intervir em bullying oriundo da internet. No entanto se fecharmos os olhos para esta agressão resultará também na física dentro das escolas. Não se pode intervir diretamente mais o gestor pode intervir indiretamente solucionando o problema dentro das escolas e esclarecendo as punições a estes pré-adolescentes que acham o mundo gira ao redor deles e que nada vai acontecer diretamente a eles. O setor do Conselho Tutelar a está a disposição da gestão para acompanhar esses casos de perto e inibir o agressor para que pare com essa pratica. A escola não está sozinha.

Este trabalho busca identificar as características do fenômeno podendo ser melhor compreendido, promovendo a conscientização desse fenômeno não somente no ambiente escolar, mas no ambiente familiar e social formando então cidadãos para a paz.

Capítulo I

1. O FENOMENO BULLYING

A fim de entendermos melhor sobre os comportamentos de agressão e intimidações, esboçamos algumas reflexões de autores que definem o Bullying um fenômeno que no qual forma um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas com a intenção de maltratar, intimidar e fazer sofrer outra pessoa por motivo algum.

Na concepção de Cleo Fante:

“Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais” (2005, p. 27)

6

Algumas dessas pessoas são levadas a morte por não suportar tanta humilhação através do suicídio. Dessa forma, essa intolerância traz consequências inexplicáveis na vida de todos os envolvidos deixando rastros irreparáveis. Segundo Fante (2005) o Bullying é uma palavra de origem inglesa adotada por muitos países, por definir o desejo de maltratar outra pessoa.

O termo Bullying, que não existe na língua portuguesa, significa formas de agressões intencionais repetidas por uma pessoa ou grupo de pessoas contra uma determinada vítima. Compreende, pois, todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivações evidentes, são comportamentos deliberados e danosos, causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder o que dificulta a defesa da vítima. Esse fenômeno é defendido por Aramis Antonio Lopes Neto (ANO, 2011, p. 82), ao relatar que durante suas observações nas escolas a carência de intervenção de alguns profissionais é muito grande que professores e gestores não se comprometem, por isso o maior desafio é formar gestor combatente contra a prática do bullying:

“ Outro grande desafio das escolas é a forma como os professores e funcionários intervêm efetivamente sobre os atos de bullying. Além das dificuldades para a identificação, o pessoal pode falhar no uso de recursos apropriados para resolver os conflitos à medida que surgem.”

O bu

escolar e também de saúde pública que merece grande atenção por parte de profissionais de diversas áreas além da saúde, principalmente da segurança e da educação.

A seguir, está uma pequena lista proposta por Fante (2005), de como podemos definir este comportamento em vários idiomas e em que localidades são utilizadas com mais frequência podendo-se trabalhar de forma bem ampla:

Quadro 1

Outros termos para conceituação do Bullying termo local de origem:

TERMO	LOCAL DE ORIGEM
<i>“mobbing”</i>	Noruega, Dinamarca, Suécia, Finlândia
<i>“harcèlement quotidién”</i>	França
<i>“prepotenza, bullismo”</i>	Itália
<i>“Yjime”</i>	Japão
<i>“agressionen unter shülem”</i>	Alemanha
<i>“acoso”, “amenaza escolares”</i>	Espanha, México
<i>“maus-tratos entre pares”</i>	Portugal

FONTE: FANTE, C. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a Paz. 2005: p. 27-28.

A definição do termo no Brasil se dá pela adoção – raticamente universal – do Termo Bullying, traduzido enquanto nome (“bully”) como “valentão”, “tirano”, e como verbo, “brutalizar”, “amedrontar” (FANTE, 2005).

Outro conceito sobre o termo bullying que pode ser citado é da Lei Federal 13.185/2015 que no Artigo 1º é definido como:

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Utilizaremos como referências alguns teóricos como; Martani, que aborda a origem da palavra como inglesa, que significa usar o poder ou força para intimidar, excluir, implicar, humilhar, não dar atenção, fazer pouco caso e perseguir outros. (Martani, 2007, p.87)

Desse modo a autora define esse fenômeno como ocorrência em vários grupos sociais, em todas as faixas etárias, porém sua grande frequência é no âmbito escolar, pois em alguns casos é tratado como um ato “normal” de brincadeiras e gozações entre amigos não tendo a preocupação necessária, permitindo que essa atitude continue, seja ela no contato direto ou indireto, pessoalmente ou no mundo virtual. Aonde ocorre um grande índice de bullying. Segundo pesquisa feita pela internet com 875 jovens, 38% declararam que foram vítimas, ao menos uma vez, de cyberbullying (violência praticada pela web) e 44% dos amigos “reais”. O estudo observa que, diferente da violência física, direta e Pessoal, o cyberbullying garante o anonimato do agressor e as vítimas podem sofrer muito mais, devido ao tamanho que esse problema pode se tornar.

Para Fante (2005) a palavra define o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão, conceitua aos comportamentos agressivos e antissocial utilizados diante de estudos sobre violência escolar. Ou seja, segundo a autora o indivíduo que pratica tal violência tenha consciência da sua atitude e das consequências que ela pode ocasionar.

Konrad Lorenz no ano de 1966, é considerado o teórico da agressividade e fundador da Etologia, realizou estudo comparativo do comportamento humano e animal.

A observação dos hábitos dos animais e a comparação do instinto de agressão animal com o comportamento humano foram uma grande preocupação dos cientistas e um momentoso tema dos pensadores no período entre as duas grandes guerras, em busca de explicações para a agressividade humana.

Lorenz em 1966 escreveu alguns livros enfocando seu estudo comparativo dando ênfase à agressividade e, em uma de suas obras

ressalta que nos animais em geral a agressividade tem um papel positivo para sobrevivência da espécie, como o afastamento de competidores e a manutenção do território, e que também no homem a agressividade poderia ser orientada para comportamentos socialmente úteis. Através de suas observações, Lorenz (1973) elaborou uma teoria descobrindo que muitos dos mais importantes padrões de comportamento dos animais, aqueles tradicionalmente chamados instintivos, eram inatos e não podiam ser explicados. Eram comportamentos fixos, que não podiam ser alterados ou eliminados pelo meio, por mais que se manipulasse experimentalmente esse meio.

Este trecho retrata os padrões que os animais apresentam e que são considerados inatos, ou seja, que é nascido como tal, não pode ser explicado como influências. O meio não pode interferir neste comportamento, é instintivo. Mesmo que este ambiente seja reformulado e preparado para ser modificado, esse animal continuará agindo com características natas.

Lorenz (1973) ainda diz que o ponto crucial a respeito da natureza humana é que, assim como muitos outros animais, o homem tem um impulso inato do comportamento agressivo em relação a sua própria espécie.

“Os homens, dispersos em seu seio, observam, imitam sua indústria e, assim, elevam-se até o instinto dos animais, com a vantagem de que, se cada espécie não possui senão o seu próprio instinto, o homem, não tendo talvez nenhum que lhe pertença exclusivamente, apropria-se de todos, igualmente se nutre da maioria dos vários alimentos que os outros animais dividem entre si e, conseqüentemente, encontra sua subsistência mais facilmente do que qualquer deles poderá conseguir. STAROBINSKI, Jean. Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo; seguido de sete ensaios sobre Rousseau. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 289-290.

Esse impulso estaria limitado a poucos danos, como acontece entre animais da mesma espécie, não fossem, no caso do homem, dois problemas: o primeiro a dispor de armas que multiplicam seu poder ofensivo; o desenvolvimento cultural e tecnológico coloca armas artificiais em suas mãos, de modo que o equilíbrio natura entre o

potencial de matar e a inibição é perturbar.

A segunda causa é que falta, na espécie humana, como em outros animais normalmente menos agressivos, o respeito ao gesto de submissão feito pelo perdedor. O homem, por essas razões, é o único animal que mata dentro de sua própria espécie.

O que é um absurdo, também somos a única espécie que pensamos e podemos procurar novas soluções e mesmo assim ainda existe parte dessa espécie que prefere matar ao invés de educar e se transformar ao transformar.

Capítulo II

O BULLYING COMO FENÔMENO SOCIAL.

O bullying é problema mundial, que nos leva às várias consequências futuras influenciando na formação do cidadão, normalmente são três os envolvidos, o agressor, a vítima, e o espectador.

É importante esclarecer também que o bullying é um conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos que são adotados por um ou mais alunos contra outros colegas, sem motivação evidente. Em princípio pode parecer uma brincadeira simples, mas não deve ser visto dessa forma. Na verdade ao primeiro vestígio do Bullying o tema deve ser discutido entre os alunos por agente escolar e depois informado ao gestor da unidade de ensino toda e qualquer situação de bullying seja, agressão moral, verbal e até corporal sofrida pelos alunos provoca dor, angústia e sofrimento na vítima da “brincadeira”, podendo em alguns casos causar até depressão.

O que realmente combate o bullying é a informação. Informar sobre as principais formas de maus-tratos, que são:

- Físico (bater, chutar, beliscar)
- Verbal (apelidar, xingar, zoar)
- Moral (difamar, caluniar, discriminar)

- Sexual (abusar, assediar, insinuar)
- Psicológico (intimidar, ameaçar, perseguir)
- Material (furtar, roubar, destroçar pertences)
- Virtual (zoar, discriminar, difamar por meio da internet e celular)

Disponibilizar um diálogo para que o grupo possa, com base no respeito e na disciplina do ouvir, posicionar - se criticamente, diante de situações vividas ou presenciadas, tendo em vista a reflexão sobre a proposta do projeto que discorre sobre a prevenção. E este projeto deve ser diretamente ligado as situações reais da Unidade de Ensino e não apenas a o que os professores ou pais acham. Olhar em Volta faz toda diferença no momento de combater o bullying. Não se pode fechar os olhos.

Para Fante (2005) o agressor ou agressores são aqueles que praticam o bullying, normalmente por um aluno-líder que vitimiza o mais fraco, de maneira repetitiva ele humilha, intimida, zomba, muitas vezes de um indivíduo por ser diferente, usar óculos, ser o mais inteligente, ou por ter alguma deficiência, ele se mostra sempre o mais forte entre os colegas, suas ações são vibradas e admiradas por muitos, pela sua grande coragem, no entanto, suas ações são decorrentes de alguma desestrutura familiar, que o influenciam; ele poderá se tornar um adulto antissocial, violento, delinquente, criminoso, podendo ser reflexo de agressões já sofridas em seu convívio familiar, e observando com naturalidade esses comportamentos agressivos, tem a intenção de mostrar superioridade, de poder, se achando melhor ou mais forte que qualquer outro.

“Punições, disciplina assertiva, caixas de comentários, conselho antibullying, aconselhamento, aconselhamento pelos colegas, mediação, abordagem sem culpados, sistema de registros, espaços de segurança, telefones de ajuda.”(Lopes Neto 2011. p, 70)

O espectador é aquele que assiste o fato e não fala nada,

podendo estar junto ao agressor ele fica quieto por medo de ser a próxima vítima, ou apenas acha divertido em assistir opressão. Havendo possibilidades futuras de consequências, marcando sua vida por compartilhar um erro que destrói o desenvolvimento de outro ser humano. A vítima por sua vez é a protagonista de toda narração tendo três papéis; caracterizada como típica essa é a qual, um indivíduo ou grupo praticam tal crueldade por motivos banais, como; ter sensibilidade, alguma deficiência, ser diferente, ter insegurança, e pouco sociável.

A vítima provocada age com consciência quando brinca, e briga com outro indivíduo, provoca, mas não sabe lidar com a situação atraindo reações agressivas e tem comportamentos que são inquietos, hiperativos e até ofensor, e ao mesmo tempo em que se mostra imaturo é quase sempre responsável pelos acontecimentos de tensões que ocorrem no ambiente no qual se encontra. E a vítima agressora é aquela que tendo sofrido agressões e humilhações por tanto tempo, neste momento procura outras vítimas mais frágeis com a intenção de satisfazer sua ira descontando em outras pessoas o que sofreu; provando para si mesma que é forte e capaz como outra pessoa já foi um dia. A vítima em alguns casos se revolta por tanta humilhação suportada, e procura de alguma forma um instrumento de superação para tentar demonstrar que não é tão fraco como parecia no passado.

Nos casos contados por Fante (2005) em seu livro podemos observar que muitos desses alunos obtiveram lembranças que marcaram suas vidas desse período escolar de forma desagradável, causando tristeza, revolta e transtorno que muitas crianças passam no ambiente escolar, por ser um local no qual todos os alunos estão sempre juntos e podem expressar com mais facilidade, agindo assim muitas vezes nos recreios fora do alcance de um professor ou adulto podendo intimidá-lo, há casos também em que o professor presencia o acontecimento, mas faz “vista grossa”, por pensar serem brincadeiras normais da idade. Visto que, ainda há uma falta de

informações da grandeza desse fenômeno e suas consequências, tanto os pais, quanto as escolas, juntos precisam lidar com esses conflitos, se faz necessário um programa que identifique o problema e sua dimensão, e conscientizem os docentes e a escola para a questão, e proponham intervenções que possam minimizar a incidência de casos de bullying nas escolas, já que este deixa marcas profundas ao longo do desenvolvimento da criança.

A escola e a família ainda não puderam compreender a proporção desse grande problema que vem sendo gerado. É necessário começar já, algumas reuniões, palestras, ou artigos de fatos de bullying para que haja o conhecimento dos pais e da comunidade, com parceria da escola. A violência, agressividade e o desrespeito atingem a todos, independente de classe social ou do grau de instrução que está presente diariamente na vida, seja de forma direta ou indireta.

As diferenças, a não aceitação das mesmas e o preconceito são as principais causas das agressões, sejam elas em casa, no trabalho, nas ruas e nas escolas, sejam de forma verbal ou não verbal.

Neste sentido o gestor pode criar técnicas e projetos com alunos, junto a professores e toda a comunidade escolar para que a conscientização e punições sejam conhecidas por exemplo: Palestras ministradas pela conselheira tutelar na escola pode ser de grande ajuda. Podemos formar assim cidadãos mais amigos e sabedores de seus direitos e deveres, que valorizem mais o outro e respeitando-o como pessoa, fazer uma reflexão de que, ser individualista, egoísta, é simplesmente destruir a formação e a vida de um indivíduo causando traumas e revoltas por toda vida. Precisamos educar para a paz.

“A condição básica para que o bullying seja reduzido nas escolas é que sejam adotadas políticas antibullying pautadas no desenvolvimento de um trabalho continuado. Ações que podem ser incluídas no cotidiano das escolas, sem que novas atividades sejam acrescentadas à grade curricular, mas inserindo o bullying como um tema transversal e permanente em todos os momentos da vida escolar. (LOPES NETO. 2011 p. 63)

2.1 - AÇ

É importante falar do esclarecimento do que é o bullying, um fenômeno que ocorre em diversos países em muitas escolas. São agressões intencionais e repetidas que podem ser físicas, verbais, psicológicas, sexuais de intimidação, gozação, perseguição que ocorrem com algumas crianças, jovens ou até mesmo adultos causando a baixa autoestima, angústia e a relação de desigualdade, e uma enorme frustração deixando o indivíduo frustrado podendo ocasionar doenças mentais e físicas prejudicando no processo de aprendizagem e socialização.

As causas desse tipo de comportamento abusivo são inúmeras e variadas. Deve-se à carência afetiva, à ausência de limites e ao modo de afirmação de poder e de autoridade dos pais sobre os filhos, por meio de "práticas educativas" que incluem maus tratos físicos e explosões emocionais violentas.

Não se trata apenas de um tipo de criminalidade e violência que ocorre através do abuso psicológico e verbal e que são presentes no ambiente escolar e em diversos grupos sociais em todas as faixas etárias, e não tendo a preocupação necessária, por vezes é tratado como um ato "normal" de brincadeiras e gozações da idade permitindo que essa atitude continue.

E diante dessas comparações citadas acima é inacreditável compreender que existem pessoas formando esses seres humanos capazes de cometer tais atitudes conscientes de suas ações. "as consequências da conduta bullying afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, porém, especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar". (Fante, 2005, p. 79)

Podendo trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar nos relacionamentos e criação de filhos, além de acarretar prejuízos para sua saúde física e mental.

A superação dos traumas causados pelo fenômeno poderá ou não ocorrer, dependendo das características individuais de cada

vítima, bem como de sua habilidade de relacionar consigo mesma, com o meio social e, sobretudo, com a sua família. A não superação do trauma poderá desencadear processos prejudiciais ao seu desenvolvimento psíquico, uma vez que a experiência traumatizante orientará inconscientemente o seu comportamento, mais para evitar novos traumas do que para buscar sua auto superação. (FANTE, 2005).

2.2 - FATORES QUE INTERFEREM NA ATITUDE DO AGRESSOR.

Esse tipo de violência ocorre devido à grande naturalidade e influência da família, e da mídia, como é natural a auto defesa e o individualismo.

As causas podem ocorrer por diversos motivos, o agressor normalmente são pessoas egoístas, arrogante e desagradáveis que expõe o agredido as piores humilhações, e faz isso constantemente com uma naturalidade muito grande, nas escolas a maior parte das agressões ocorre no pátio e nos corredores, e vai marcando de forma trágica a vida de outras pessoas.

Em alguns casos a ocorrência do bullying, se dá, quando a criança pertence a famílias desestruturadas ou com um relacionamento afetivo fragilizado, então tem a necessidade de praticar o bullying contra seus colegas.

Em geral é a família a primeira porta de violência, seus pais desempenham sobre eles uma supervisão pobre, aceitam ou utilizam do comportamento violento para solucionar problemas.

Ele normalmente aprendeu a resolver seus conflitos de forma agressiva com algum adulto apresentando sempre um comportamento de intimidação superioridade em todos os aspectos. Ou até mesmo reflete essa atitude violenta de magoar, deprimir e amedrontar outras pessoas que se sentem indefesas isoladas.

Busca a vítima que em muitas vezes o seu convívio no meio de outras pessoas é sempre solitário, são pessoas frágeis com características tímidas, são escolhidas para frequente ameaça por

serem diferentes da maioria, por “usar óculos”, “por ter alguma deficiência”, “por ser gordinho”, “por ser negro”, ou por não ser naquele ambiente considerado um modelinho de perfil por determinado.

Portanto, o bullying não se trata de agressão física somente, mas também de verbal e psicológica, ele não atinge somente os envolvidos diretamente (intimidador/intimidado), os espectadores também sofrem com o *bullying*, apesar de ser indiretamente.

2.3- UM ESTUDO QUE DEMONSTRA ESSE FENÔMENO.

Um estudo realizado pela ABRAPIA, 40,5% dos 5785 alunos de 6º a 9º série participantes, admitiram estar diretamente envolvidos em atos agressivos na escola. Durante a década de 90, ocorreu na Europa, um número considerável de pesquisas e campanhas que conseguiram reduzir a incidência de comportamentos agressivos nas escolas. Tudo teve início com os trabalhos do Professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) e com a Campanha Nacional Anti-bullying nas escolas norueguesas (1993). No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. Já na década de 80, três rapazes entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de bullying, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema. (ABRAPIA, 2009).

A última pesquisa feita foi feita em 2015 em escolas públicas e particulares e aponta que 51% dos estudantes disseram ainda que não sabem os motivos que fizeram com que eles praticassem o bullying apenas uma pequena parte conseguiu explicar as causas do preconceito. Para 18,6% dos pesquisados, o bullying ocorreu devido a aparência do corpo, seguido da aparência do rosto (16,2%). Casos envolvendo raça ou cor representam 6,8% dos relatos, orientação sexual 2,9%, religião 2,5% e região de origem 1,7%. Conforme a pesquisa, um fator fundamental sobre a prevenção do bullying foi avaliar a sua

natureza e ocorrência. Como os estudos de observação direta ou indireta são demorados, o procedimento adotado foi o uso de questionários, o que serviu para fazer a verificação das características e extensão do bullying, bem como avaliar o impacto das intervenções que já vinham sendo adotadas. Nos estudos noruegueses utilizou-se um questionário proposto por Olweus, consistindo de um total de 25 questões com respostas de múltipla escolha, onde se verificava a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores (Olweus, 1993). Este instrumento destinava-se a apurar as situações de intimidação/agressão segundo o ponto de vista da própria criança.

Ele foi adaptado e utilizado em diversos estudos, em vários países, inclusive no Brasil, pela ABRAPIA, possibilitando assim, o estabelecimento de comparações interculturais. (ABRAPIA, 2009)

Os primeiros resultados sobre o diagnóstico do bullying foram informados por Olweus (1989) e por Roland (1989), e por eles se verificou que 1 em cada 7 estudantes estava envolvido em caso de bullying. Em 1993, Olweus publicou o livro “BULLYING at School” apresentando e discutindo o problema, os resultados de seu estudo, projetos de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas. (ABRAPIA, 2009) O programa de intervenção proposto por Olweus tinha como características principais desenvolver regras claras contra o bullying nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte de professores e pais, aumentar a conscientização do problema, avançando no sentido de eliminar alguns mitos sobre o bullying, e prover apoio e proteção para as vítimas.

Com o sucesso da Campanha Nacional Anti-Bullying realizada na Noruega, diversas campanhas e estudos seguiram o mesmo caminho.

De acordo com ABRAPIA, o livro “*Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*”, Cleo Fante

(2005), condensa o relato de alguns casos que exemplificam esta conduta. A autora cita, dentre outros, o caso de Littleton (Colorado, USA), onde em 1999, Eric Harris e Dylan Klebold – dois adolescentes de 17 e 18 anos – causaram a tragédia que ficou conhecida como “O Massacre de Columbine”, onde, com explosivos e pistolas semiautomáticas, assassinaram 12 colegas, um professor e deixaram mais de 20 feridos. Como exemplo vivido em minha pesquisa de campo, tivemos uma aluna do 8º ano que por sofrer o bullying calada começou a cortar os pulsos até que em tarde se trancou dentro do banheiro da escola e literalmente cortou várias vezes os pulsos ocasionando ferimentos quase de morte. O gestor (no caso, a gestora) invadiu o banheiro quebrando a porta e conseguiu impedir que o pior acontecesse conversando com a aluna e trazendo a memória que a vida dela era mais importante do que qualquer comentário depois de algum tempo a aluna entregou as giletes a gestora, gilete essas retiradas do apontador. Após o acontecido a gestão organizou palestras com pais e alunos junto a psicólogas comportamentais e com o apoio de professores a aluno obteve aulas em casa até que estabelecem. O papel do gestor foi um fator importantíssimo para essa criança, afinal a gestora se colocou no lugar da família e da criança e fez o que o melhor acontecesse e não apenas o que o trabalho lhe impunha. A escola forma gente, não matrículas. O aluno que praticava o ato criminoso foi encaminhado ao conselho Tutelar e os pais ao ministério público pois se recusavam a fazer o que a conselheira tutelar lhe dizia. Pouco tempo depois os pais retiraram esse aluno a escola acham o processo terminaria ali, o que não aconteceu os pais responderam por essa situação.

Fazendo uma análise no caso de violência, os pais são convocados e atendidos, há uma conversa entre escola e a família e na medida do possível os problemas são resolvidos. Há uma atenção especial por parte do gestor, porém não podemos esquecer que há setores que podem ajudar nesse sentido e atender esses alunos de maneira em conjunto com a escola, como é o caso do conselho tutelar.

Durante as minhas pesquisas percebi que os alunos se comportam relativamente bem. Mesmo com muitas conversa em sala, especialmente nos momentos em que a turma fica sem atividade para fazer. Quando o trabalho do gestor é considerado eficiente e eficaz os alunos aprendem a conviver sem maiores problemas de violência. Segundo Fávero Sobrinho (2014, p.9),

“ O convívio com os amigos é um dos aspectos mais significativos do cotidiano dos jovens, e um dos mais valorizados, mesmo como forma de prazer. É com os amigos que os jovens partilham as suas opiniões, demonstram maior vontade de interação, o que se constitui em um importante papel de integração social.”

Cabe ao gestor orientar ao professor a fazer um acordo com os alunos para que no momento em que ele estiver explicando a matéria ou no momento da atividade essa conversa seja minimizada e concerteza esse acordo será cumprido se o trabalho docente estiver comprometido com o sucesso desses alunos, por exemplo, temos 3 momentos importantíssimo de mudança dentro da escola e na realidade educacional desses educandos, que são eles:

- A mudança do segmento Educação Infantil para 1º série do Ensino Fundamental
- A mudança do 5º ano para 6º ano
- A mudança do 9º para a 1ª série do médio,

Os alunos do 6º ano, ainda muito imaturos costumam brigar nos intervalos. São brigas bem infantis que chegam a ser bobas como quando um fala mal da mãe do outro ou coisas desse tipo, ou até mesmo quando pedem uma borracha e outro não empresta.

Sem contar com a reprovação social pelos alunos do 9º ano. Os alunos de 9º ano, o 6º ano não são mais crianças do fundamental I e não são adolescentes para o fundamental II.

Só por esses motivos já podem começar uma sessão de

violências verbais e físicas.

No convívio com as turmas durante a coleta de dados para dar base a minha pesquisa pude avaliar que os meninos no Ensino Fundamental possuem um maior índice da prática do bullying e com a ajuda do jornal o Globo podemos visualizar na imagem a seguir:



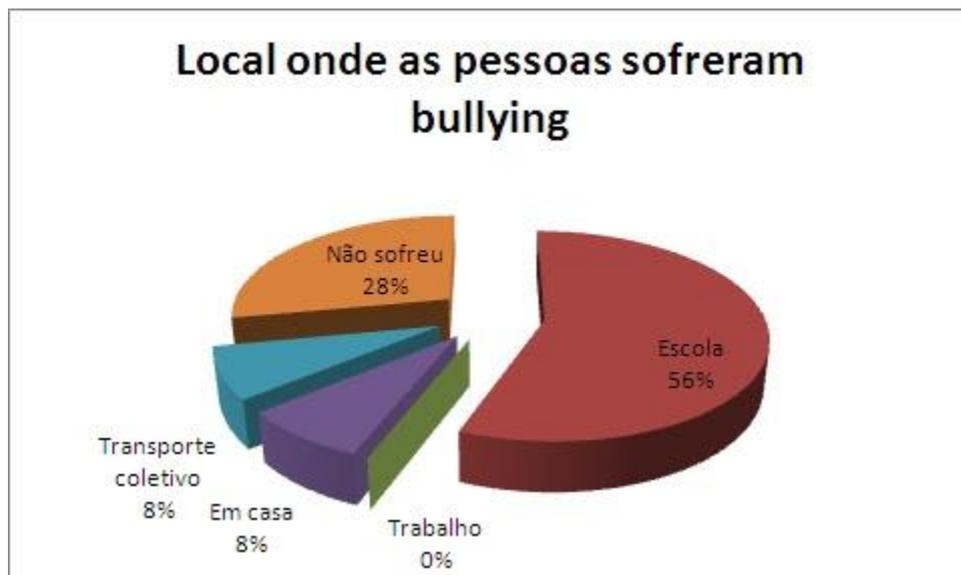
Fonte: Revista Nova Escola – 2013

Capítulo III

O BULLYING E A ESCOLA

O bullying é encontrado em toda e qualquer escola, não sendo ele restrito a nenhum tipo específico de instituição: primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana e tem como característica a violência oculta. O que devemos contrapor a essa atitude e organizar processos antibullying para enfrentar situações problemáticas que possam prejudicar emocionalmente ou até fisicamente esse aluno que é a vítima.

“Não há projeto antibullying bem-sucedido sem o envolvimento de toda a comunidade escolar, professores, funcionários, pais e estudantes. Para o entendimento da importância da implantação desses programas nas escolas, a primeira medida deve ser a de conscientizar os professores sobre a natureza social do bullying e sobre a necessidade do estabelecimento de estratégias proativas, voltadas à sua prevenção, dentro do currículo, e reativas, que definam as condutas adotadas diante de incidentes identificados.” (LOPES NETO, 2011. P, 63)



Fonte: jornal o Globo 2015.

O bullying é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave seja a propriedade de causar em até 18 “traumas” ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. Possui ainda a propriedade de ser reconhecido em vários outros contextos, além do escolar: nas famílias, nas forças armadas, nos locais de trabalho (denominado de assédio moral), nos asilos de idosos, nas prisões, nos condomínios residenciais, enfim, onde existem relações interpessoais (FANTE, 2005). “Estudos indicam que dois terços dos atacantes em 37% dos tiroteios em escolas se sentiam perseguidos em função de seus longos históricos sofrendo bullying de seus colegas, que ser alvo de bullying é um fator importante no suicídio entre jovens” (MIDDELTON-MOZ, 2007). Tal problemática tem muitas implicações do ponto de vista da prática educativa, e suas diferentes manifestações tem preocupado de forma especial pais e educadores.

A aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais.

Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente (DEMO, 1997).

Os objetivos da aprendizagem são classificados em: domínio cognitivo (ligado a conhecimentos, informações ou capacidades intelectuais); domínio afetivo (relacionado a sentimentos, emoções, gostos ou atitudes); domínio psicomotor (que ressalta o uso e a coordenação dos músculos).

No domínio cognitivo tem-se as habilidades de memorização, compreensão, aplicação, análise, síntese e a avaliação. No domínio afetivo tem-se as habilidades de receptividade, resposta, valorização, organização e caracterização. No domínio psicomotor apresentam-se habilidades relacionadas a movimentos básicos fundamentais, movimentos reflexos, habilidades perceptivas e físicas e a comunicação não discursiva (COLL, 1994).

A educação é vista como primordial no desenvolvimento e na aprendizagem do aluno e tem o conhecimento como cooperação, criatividade e de forma crítica, promovendo a liberdade e a coragem para transformar, consiste que o aprendiz se torna no sujeito ator como protagonista da sua aprendizagem.

As escolas são instituições que simultaneamente emergem de uma determinada cultura e assumem a sua difusão. Ideologias, fatores socioeconômicos moldam e dão forma ao ambiente de aprendizagem. A escola é neste momento, o agente fundamental que ocupa mais tempo na vida do homem ganhando cada vez mais peso na formação sociocultural do indivíduo.

A sua frequência vai promover, nas crianças e adolescentes, o desenvolvimento das competências sociais, pois é aqui que ela mais interage, quer com os colegas, quer com os técnicos educativos e assume regras e normas. É sem dúvida, o reflexo do sistema social que ao nível dos valores e ideologias dominantes na sociedade. Depois da família, a Escola integra e amplia a educação dada pelos pais ou pelos encarregados de educação (SCOZ, 2000).

Quando a educação é construída pelo sujeito da aprendizagem, no cenário escolar prevalecem a resignação dos sujeitos, novas coreografias, novas formas de comunicação e a construção de novas habilidades, caracterizando competências e atitudes significativas. Nos bastidores da aprendizagem há a participação, mediação e interatividade, porque existe um novo ambiente de aprendizagem, que refaz os papéis do atores e coautores do processo, desarticulando de incertezas e novas formas de interação mediadas pela orientação, condução e facilitação dos caminhos a seguir. (MATURANA; REZEPKA. 2000).

Como já foi exposto anteriormente, o bullying atinge a saúde física, a emocional e a aprendizagem das crianças. Isso acontece quando são expostas de forma repetitiva e prolongada às situações de humilhações, “zoações”, ameaças, etc. elas vão se fechando cada vez mais, se entristecendo e perdendo o interesse pelos estudos. Acumulam dúvidas, uma vez que temem que ao fazerem perguntas ao professor sejam caçadas, ridicularizadas ou criticadas por eles e pelos seus colegas. E até mesmo com medo de serem maltratadas com mais intensidade.

O déficit de concentração é outra consequência produzida pela vítima, uma vez que seus pensamentos ficam aprisionados às situações de medo, aflição e tensão que estão vivenciando na escola e não conseguem mudar o foco, ou seja, dirigi-los para a aprendizagem. Outra consequência é o absentismo, isto é, a falta frequente às aulas. Elas encontram desculpas reais ou imaginárias para faltarem, uma vez que a escola é um local de infelicidade e insegurança.

Dessa forma, a aprendizagem vai ficando comprometida e a queda do rendimento escolar vai se acentuando. Muitas não resistem e mudam de Escola ou optam pela evasão escolar. Outras ainda desenvolvem fobia escolar e/ou social, promovendo ataques às suas “Escolas” não só aos seus agressores como a instituição, berço de todo seu sofrimento e a si próprio para acabar com a ideia de suicídio que acompanha toda a trajetória do fenômeno ou não matar a “Escola” ou

seus agressores, também após cometer um massacre, como forma de dar um “fim” a todo o seu sofrimento e nunca mais ouvir falar ou ver uma “Escola” para estas vítimas o seu objetivo maior é, apenas, conquistar a “Paz”.

Para tanto é importante considerar como ressalta Charlot. (2005), “(...) o problema não é fazer desaparecer a agressividade e o conflito, mas regulá-los pela palavra, e não pela violência (...) a questão da violência na escola não deve ser enunciada somente em relação aos alunos: o que está em jogo é também a capacidade de a escola e seus agentes suportarem a gerarem situações conflituosas, sem esmagar os alunos sob o peso da violência institucional e simbólica”. O que mais me impressiona nessa pesquisa é observar que autores que já escreviam este caso há mais de uma década ainda podem conversar com autores tão atualizados que a realidade nada mudou. Lopes Neto (2011, p. 63) destaca a importância desses programas de combate ao bullying e como se faz importante a participação e comprometimento de toda a comunidade nessas ações.

“Os programas antiviência implantados nas escolas determinaram significativas reduções nas taxas de bullying, que variam de 20% a 80%. O sucesso obtido foi diretamente proporcional à participação ativa de alunos, professores, gestores, funcionários e pais.”

3.1 MEDIDAS DE COMBATE AO BULLYING

Nos últimos tempos esse fenômeno vem sendo uma preocupação mundial, segundo Fante (2005), os especialistas e educadores de todo o mundo com o apoio das instituições privadas e públicas, criam programas especiais de combate ao bullying nas escolas com a intenção de conscientizar a comunidade e sensibilizar todos diante dessa violência, falando da importância que essas pessoas precisam de ajuda e orientação, sendo até encaminhadas a tratamentos clínicos e sendo encorajadas a denunciar tal agressão sofrida.

O crescimento dessa violência é real e pouco conhecido, antes que traga tragédias assim como ocorre em muitos países, a sociedade, a escola e a família deve começar a agir.

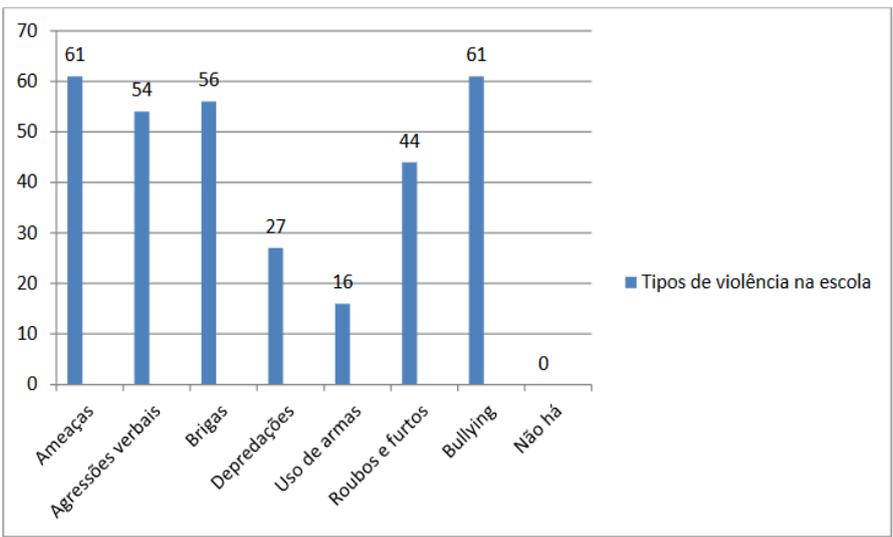
No Brasil o tema violência tornou-se tema de muitas escolas para a realização de programas educacionais de prevenção de fenômeno dentro da escola.

Como indica Fante (2005), apesar da preocupação global com o fenômeno, há certa dificuldade entre os pesquisadores de encontrar, em seus idiomas de origem, palavras que traduzam adequadamente o sentido da palavra bullying.

Para Tiba (2006):

“ Devemos lembrar sempre que pais e escolas deveriam ser parceiros. Cada um com seus princípios educativos. Pais, com coerência, constância a consequência, e a escola com a consequência educativa progressiva são princípios muito próximos a essência, mas complementares na construção da cidadania. “ (148)

Esse fenômeno pode ser evitado, hoje estamos vivendo em uma sociedade que se faça de violência e desgraças na mídia, nos jornais e revistas e existem muitas crianças que convivem com essa violência dentro de casa. Essa é a realidade de muita gente, que não mais vive, apenas sobrevive. Vamos observar no grafico a seguir os tipos de violência que mais acontecem nas escolas.



Fonte: Pesquisa de campo. SOUZA, Ivanice Tavares de, Samambaia-DF, 2014.

A importância de evitar consequências desse fenômeno é grande, por isso como educadores temos o dever de incluir essas questões atuais em assuntos na sala de aula orientando alunos, pais e comunidade. E muitos deles não tem a preocupação com o fato, pois faltam informações a eles, outros não acreditam que um tipo de violência com essa intimidação e frieza esteja acontecendo ali, logo na sua turma, isso são “brincadeiras da idade”, é o que dizem e ainda existem aqueles que são leigos e nem conhecem sobre o assunto que é tão claro na realidade atual.

A escola sendo o meio transmissor de todo conhecimento e aprendizagem poderá, com parceria da família e de toda a equipe pedagógica criar modos de prevenção, para que essa prática não se torne um ato constante e normal, construindo métodos de ensino e estudos que visem amizade, igualdade, a união e que em qualquer que seja a situação, um depende do outro. “O educador não desiste porque, acima de tudo, é amigo. É a amizade que impulsiona a caminhar juntos” (CHALITA 2008). Porém nem tudo pode ser o fim, ainda há saídas quando o gestor realmente está preocupado em finalizar situações de bullying, existem alguns princípios que devem ser analisados por todos que tenham a intenção de criar um programa antibullying transformador e eficiente. Sendo algumas delas destacadas por Lopes Neto (2011, p. 64)

- As ações de prevenção individuais não podem ser consideradas suficientes.
- As intervenções individuais bem-sucedidas dependem de estratégias mais amplas nas salas de aula e na escola como um todo.
- Esse fenômeno deve ser amplamente discutido na escola e as regras contra atos de bullying definidas com clareza, para que todos as conheçam e que sejam adotadas universalmente.
- A meta final é a de promover a amizade, prevenir o isolamento, encorajar as ações solidárias e valorizar a

diversidade.

- Os autores e bullying devem ser induzidos a interromper seu comportamento agressivo e a controlar seus impulsos de agressividade.

- Os professores devem intervir de maneira consistente e regular.

- A escola ou cada turma deve criar regras de convivência, que promovam o entendimento entre todos e estabeleçam as formas de intervenção contra atos agressivos.

O gestor deve estar atento aos primeiros xingamentos, aos primeiros esbarrões, aos primeiros olhares conflituosos só assim teremos tempo até que mal maior aconteça. Quando o gestor é atuante fica fácil saber o que é o bullying ou o que é apenas falta de educação, porque ele conhece seus alunos e comunidade. Não se deve ter medo de envolver com problemas dos alunos e nem achar que é tudo normal, não é se sentir super herói, mais se sentir responsáveis pela vida daqueles que estão todos os dias ao nosso lado e que precisam de nós.

3.2 O PAPEL DO GESTOR NO COMBATE AO BULLYING

O papel do gestor é combater de maneira diária aos mínimos detalhes ao aparecimento bulling . Essa batalha deve ser vencida nas conversas individuais com os alunos da sala da gestão ou nos grupos em sala de aula. O gestor é aquele que detém o poder da inibição quando se torna para o aluno alguém de referência, aquele que é amado e respeitado pelos alunos.

Durante alguns anos o gestor assumiu o papel daquele que dá as ordens apenas, porém atualmente esse papel ganha um maior significado, transformando o gestor no mediador de conflitos e ajudando a essas crianças a falarem dos problemas que enfrentam. Na prática enquanto mais cedo o aluno que está sofrendo o bulling confia no gestor para falar do assunto mais rápido o problema é resolvido.

Hoje o bullying é crime e pode levar um ser a morte, por isso deve ser cuidado como um problema sério e que deve ser resolvido com urgência e não como bobagens de criança.

Nas pesquisas de campo, somente uma gestora conhecia a legislação. A Lei nº 13.185 determina que será considerada intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. Este é o artigo retirado da legislação que ampara o aluno que sofre essa violência é a escola nem sempre possui o conhecimento legal do assunto. Devo dizer que o papel do gestor é de inibir atitudes de bullying e conscientizar esses alunos que a escola é o lugar de formar gente. Gente com cultura, conhecimento educacional e principalmente gente com bons valores, ou seja, gente boa para vida.

As leis sempre estabeleceram o que é permitido e o que é proibido, fazendo com que os limites de violência permitidos a cada sociedade seja constituída de maneira diferentes decretam formas de violências diferentes. Nas sociedades menos complexas, em que o nível de proximidade entre as pessoas é maior, a solidariedade, a redistribuição e a reciprocidade são princípios básicos da convivência humana. Em certas sociedades primitivas, onde os homens se agrupam e se organizam para garantir a sobrevivência, a acumulação de riquezas significa estocar alimentos e objetos de uso que, num determinado momento, serão distribuídos e consumidos por todos. Por outro lado, uma longa tradição do pensamento ocidental defende a desigualdade como condição para uma sociedade mais rica, mais complexa, mais individualista e menos distributiva.

O fenômeno da desigualdade parece não decorrer de relações entre homens, mas sim de forças que transcendem tais relações (a "engrenagem societária"). É a institucionalização da desigualdade, que

leva à institucionalização da violência. Toda violência é institucionalizada quando se admite, explícita ou implicitamente, que uma relação de força é uma relação natural.

A violência social, fenômeno estrutural, complexo, tem um componente principal o homem, como indivíduo capaz de ajuntar ou destruir toda a convivência social.

A família como a escola podem estabelecer regras de convivência para evitar o bullying. Acreditamos como educadores na possibilidade de cuidar para que uma criança não se converta em um agressor ou em uma vítima de agressão, depende de como escola e família lida com assunto. Pelo menos existem algumas pautas que podem ajudar tanto a família como os educadores e a sociedade de um modo geral, a prevenir este fenômeno.

O importante é fazer com que a comunidade escolar e família entenda que a responsabilidade de impedir que essa violência cresça é de todos. Cada parte implicada deve cumprir seu papel.

“o diálogo é a ferramenta educacional insubstituível. Deve haver autoridade na relação pai, filho e professor aluno, mas a verdadeira autoridade é conquistada com inteligência e amor”.

(Cury, 2013)

Educar é uma tarefa muito difícil já que os pais e mães não são especialistas e nem existe um curso perfeito de como criar filhos aprendemos no dia – a – dia quando as situações problemas aparecem. Mas quando a família se constrói a base deve ser a socialização das crianças, através da transmissão de valores, normas, comportamentos, etc. Os responsáveis pela criança é que tem que estabelecer o que é reprovável e o que é aceitável, em casa e nas relações sociais. Muitos especialistas em Bullying relaciona diretamente a ausência de regras, a falta de supervisão e de controles razoáveis da conduta dos filhos fora do colégio, do que fazem e com quem andam, é uma tarefa muito difícil. A falta de comunicação entre responsáveis e a ocorrência de tensões e de

brigas na familiares, podem levar aos filhos adquirirem condutas agressivas e reproduzirem com outras crianças violências e maus-tratos.

Segundo o site Brasil escola, existem cursos e reuniões de escola de pais e mães que podem orientar aos progenitores do que podem fazer para mantê-los longe dos abusos. Baseiam-se em regras básicas, como:

1- Preocupar-se com seus filhos, falando com eles. Criar um canal de diálogo com eles. Evitem os monólogos. Aprende-se e se conhece melhor os filhos ouvindo-lhes.

2- Estar atento aos possíveis sintomas como nervosismo, falta de apetite, insônia, baixo rendimento escolar, fobia escolar, etc.

3- Controlar e supervisionar as condutas de seus filhos, observando o que faz, onde anda, com quem brinca, quais são seus interesses, projetos, etc.

4- Determinar os limites e as normas. Exigir o cumprimento das elementais.

5- Educar para controlar as emoções, para comportar-se com os demais, para a convivência.

6- Observar os comportamentos, estados de ânimo e as mudanças nos hábitos das crianças.

Na verdade o gestor escolar é o elo entre a escola e a família, elo esse que a criança é o centro dessa relação. E a disciplina é a base de qualquer formação. A constante supervisão nas aulas e no intervalo, pode-se detectar se está ocorrendo alguma situação de Bullying. Professores e monitores devem estar presentes, sempre. Por isso que o controle do gestor deve ser sempre muito eficaz. O gestor não fechar os olhos à essa realidade tão cruel para nossas crianças. Estabelecer regras para evitar o bullying, manter sua sala sempre aberta para receber sugestões e queixas, tratar o tema através de palestras, conferências ou pequenas reuniões, colocar os monitores ou vigilantes na cantina, no intervalo, e em outras zonas de risco, introduzir e manter matérias de educação em valores, como por exemplo na escola em que houve a pesquisa de campo eles

usavam uma material chamado projeto de vida – que trabalhava valores e educação Emocional e financeira com crianças a partir da ensino Fundamental até o Médio.

Intervir de uma forma rápida, direta e contundente no caso de haver suspeita de bullying. Em concordância com gestão, os professores devem colaborar na identificação de algum caso, ou simplesmente estabelecendo com seus alunos normas de não agressão.

Outra estratégia do gestor e criar e manter um telefone público para as crianças como forma de abrir uma porta a seus possíveis conflitos. As campanhas anuais de sensibilização também podem funcionar para prevenir essas situações. Quanto aos meios de comunicação seria interessante e muito viável que controlassem mais os conteúdos que exibem ou publicam. A sociedade em geral deve prevenir e cortar possíveis sinais de bullying. É importante estar atento e não deixar passar nada ou pensar que tudo é normal ou se trata de uma piada, bullying não é brincadeira. Quando uma criança zomba, ameaça ou bate em outra criança, deve-se intervir e ensinar que o que não queremos para nós, não deve ser feito com o outro. Quando no pátio do colégio alguém implica do aspecto de outra pessoa, deve-se repreendê-lo e fazer com que ele entenda que escola, parque ou qualquer outro lugar deve ser local de socialização e não de briga e confusão.

Na base para se criar um combate eficaz e entender a ação de quem pratica e quem sofre. Tognetta (2011) e Tognetta, Avilés e Rosário (2014) têm esclarecido o funcionamento da ação que, do ponto de vista psicológico, poderíamos dizer que quem sofre o bullying -se coloca numa situação de desvantagem ou de fragilidade, mesmo que inconscientemente. Seria como se a vítima concordasse com as imagens que o agressor faz dele e, mesmo que tente parar a situação, não possui os mecanismos necessários para tal, como a tomada de consciência de tal percepção e a superação de seus próprios medos e desafios. Considerar este aspecto, sob o ponto de vista do Vítima é de fundamental importância na hora de planejarmos ações de prevenção e/ou contenção ao bullying, visto que precisamos ajudar nossas crianças e

adolescentes a se perceberem como pessoas que possuem qualidades e devem e merecem ser respeitadas. O problema é que na maiorias dos casos o individuo que sofre a ação já traz consigo uma bagagem de pré-conceitos introduzidos psicologicamente do próprio núcleo familiar.

Por isso a importância da gestão ter um projeto de combate eficaz produzido por família e escola.

O item mais importante deste projeto está relacionado à mediação de conflitos que se integra a todas as outras já mencionadas aqui neste projeto de pesquisa , porém a forma como acontecerá essa mediação e que fará a diferença, porque incide na melhora da qualidade das relações sociais, implica aprendizagem de habilidades específicas, envolve fortemente o diálogo, contribui para o desenvolvimento emocional e da autoestima dos alunos - ao passo que os alunos mediadores aprendem a reconhecer sentimentos seus e dos outros e atuam para que os colegas também aprendam, além de servir projeto piloto para que o aluno e comece a reconhecer que é importantes e responsáveis pela resolução de problemas que pertencem aos seus pares, por exemplo. A mediação de conflitos é apontada na psicologia como uma estratégia de intervenção em situações de violência escolar de modo geral, inserida nos programas antibullying. No entanto, não é recomendada para ser usada como forma de resolver sozinha um caso de bullying existente, pois este não se configura como um conflito usual, por isso o gestor e peça principal para elaboração de qualquer antibullying no ambiente escolar é ele que direciona todo o processo de ação. Embora saibamos que nos conflitos os envolvidos têm diferentes forças para tentar resolvê-los, uma situação de bullying envolve aspectos psicológicos de domínio, submissão tão fortes que impedem ou dificultam significativamente a tentativa do alvo de defender se ou argumentar com o mínimo de sucesso (AVILÉS, 2013a).

Conclusão

No ambiente escolar vivemos momentos de incerteza entre harmonia e tensão. Isso significa que a conquista do equilíbrio emocional do professor, do aluno, do funcionário e da família devem ser um exercício do dia a dia e só é possível se a escola for um espaço de socialização de experiências numa perspectiva participativa e dialógica. Então precisamos adotar uma cultura de “paz” para acabar com o individualismo, o egoísmo, o preconceito, o desrespeito em busca sempre da solidariedade, da cooperação, da harmonia e de uma pedagogia de libertação, de afeto e amor.

Para Freire (2005):

“Foi assim, no seu diálogo com as massas camponesas, que sua práxis revolucionária tomou um sentido definitivo. Mas, o que não expressou Guevara, talvez por sua humildade, é que foram exatamente esta humildade e sua capacidade de amar que possibilitaram a sua “comunhão” com o povo. E esta comunhão, individualmente dialógica, se fez colaboração.” (p.196)

Podemos observar que o comportamento de Guevara relatado por Freire, como a comunhão é essencial para a busca de um bom relacionamento, assim também podemos fazer com os alunos, pais e professores dentro da escola. “A comunhão provoca a co-laboração que leva a liderança e massas àquela ‘fusão’ a que se refere ao grande líder recentemente desaparecido. Fusão que só existe se a ação revolucionária é realmente humana, por isso, simpática, amorosa, comunicante, humilde, para ser libertadora.” (Freire, 2005 p. 197)

Não é de hoje que profissionais da educação, alunos e pais vem se surpreendendo com problemas de violência entre jovens alunos independente de classe socioeconômica.

Apesar das preocupações generalizadas, os olhares dos pesquisadores tem se voltado para as manifestações de violência entre jovens das classes populares.

Ao analisarmos esse fenômeno bullying, vemos-nos diante de uma série de dificuldades, não apenas porque o fenômeno é complexo, mas, porque nos faz refletir sobre como se confunde, se interpenetra e se inter-relaciona com agressão de modo geral e/ou com indisciplina, quando se manifesta no ambiente escolar.

Esta forma de violência é de difícil identificação por parte dos familiares e da escola, uma vez que a “vítima” teme denunciar os seus agressores, por diversos medos. Sua denúncia ecoaria como uma confissão de fraqueza ou impotência de defesa. Os “agressores” se valem da “lei do silêncio” e do terror que impõem às suas “vítimas”, bem como do receio dos “espectadores”, que temem se transformarem na “próxima vítima”.

Para evitar o bullying é essencial promover a orientação, conscientização e discussão a respeito do assunto de forma democrática participativa. Nem toda briga ou discussão deve ser rotulada como bullying para não cairmos no extremo oposto, da tolerância zero, que não via permitir que estas crianças e jovens, que estão em fase de desenvolvimento, aprendam a viver harmoniosamente em grupo.

O gestor deve criar junto com seus alunos regras de convivência e discutí-las com a equipe pedagógica, buscando soluções e respeitando as diferenças de cada um. Os pais devem ser ouvidos e orientados a colocar limites claros de convivência e ajudar sempre que souberem de algum problema sem aumentar ou diminuir a informação recebida.

Temos consciência que os aspectos apresentados neste trabalho não esgotaram o assunto. A ideia de que a comunidade escolar, os pais, educadores, e pesquisadores são responsáveis por grande parte dos acontecimentos educacionais é notória e que podemos nessa união possibilitar a evolução cognitiva como também pessoal do

aluno é para sua formação.

REFERÊNCIAS

- ABRAPIA – Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência. Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. Disponível em www.bullying.com.br. BULLYING. Disponível em: [tp://www.bullying.com.br/BConceituacao21.htm](http://www.bullying.com.br/BConceituacao21.htm)
- CHALITA, Gabriel, Pedagogia da Amizade – bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. 2ª ed. SP: Ed. Gente, 2008.
- CHARLOT, Bernard. Relação com o saber, formação dos professores e globalização: Questões para a educação hoje. Porto Alegre, editora Artmed, 2005.
- COLL, C. Aprendizagem escolar e construção do conhecimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- CONSTANTINI, A. Bullying: Como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens. Tradução Eugênio Vinci de Moraes – São Paulo: Itália Nova editora, 2004.
- DEMO, Pedro. Desafios modernos da educação. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FANTE, C. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- LORENZ, Konrad. Os fundamentos da Etologia. São Paulo: Unesp, 1973.
- MARTANI, Silvia. (Org.) Uma viagem pela Puberdade e Adolescência. São Paulo: Aldeia Cultural, 2007.
- MATURANA, H. ; REZEPKA, S. Formação humana e capacitação. Trad. Jaime A. Iasen. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- SCOZ, Beatriz. Psicopedagogia e realidade escolar. O problema escolar e de aprendizagem. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SIQUEIRA, Raquel de Arruda. A problemática do Bullying na prática Docente. Paraíba, 2007.
- TEDESCO, J. C. O Novo pacto educativo. Madrid, Anaya, 1995.
- TIBA, Içami. Ensinar aprendendo: novos paradigmas da educação. 18ª ed. rev. e atual. São Paulo: Integrare Editora, 2006.

WIKIPÉDIA Bullying. Disponível em: <L:\Bullying – Wikipédia, a enciclopédia livre.mht> Acesso em...

Ver resultados relacionados

Silva, Ana Beatriz Barbosa. Bullying: Mentis perigosas nas escolas - 2ª Ed. 2015 – Saraiva, 2009, Indisciplina e Bullying: Soluções ao alcance de pais e professores.

Silva, Nelson Pedro. Indisciplina e Bullying: Soluções ao alcance de pais e professores- Editora Vozes ,2013

ELIAS, Maria Auxiliadora. Violência escolar: caminhos para Compreender LOPES NETO, Aramis Antonio. Bullying: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MEOTTI, Juliane Prestes; Pericoli, Marcelo. A POSTURA DO PROFESSOR DIANTE DO BULLYING EM SALA DE AULA. Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças – MT, vol. 15, p. 66 - 84, dez. 2013. ISSN - 2238-921-0. Disponível em <<http://revistas.cua.ufmt.br/index.php/revistapanoramica/article/viewFile/518/155>>. Acesso em 07 de novembro de 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, de Ernani Cesar.

Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico– 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em 26 de outubro de 2015. e enfrentar o problema. 1 ed. São Paulo: Ática Educadores, 2011.